

A Festa de todos

É legítima a alegria que sentimos pelo regresso ao ar livre e às memórias estivas das noites de Verão teatrais. Como notou o Director-Geral das Artes na apresentação da programação deste ano, “o Festival de Almada, um dos mais importantes no plano europeu, é a Festa do Teatro”. Américo Rodrigues sublinhou que “em Almada o teatro inscreveu-se na vida da Cidade graças ao trabalho histórico da CTA”, e que “a Festa é de todos: o contexto especial do Festival é referido pelos artistas que aqui se apresentam”.

E porque a Festa é mesmo de todos, convidámos alguns espectadores — numa rubrica a que chamamos *Meu Festival* — a visitarem as suas memórias das tais noites de Verão, e a escreverem sobre os espectáculos que hão-de evocar a cada mês de Julho nas conversas que às vezes escutam à saída do Palco Grande: “Este foi giro, mas lembraste daquele...? Como é que se chamava? Eram donde, aqueles tipos muito engraçados, naquele ano em que parecia mesmo que ia chover e depois estava calor e apareceram as formigas de asa?”. Numa época em que o mundo digital já se instalou nas nossas vidas (já descarregou a nossa *app*?), e com a devida vénia ao meio ambiente, continuamos a publicar diariamente em papel uma *Folha Informativa*. Se nestas pausas sensíveis, que são os festivais de teatro, a inovação cavalgante não pudesse ainda conviver com a distensão do tempo, o que seria de nós?

E porque regressamos à esplanada da Escola D. António da Costa — e porque perdemos em Março passado um dos seus mais apaixonados apreciadores — publicamos neste número de abertura o excerto de um bonito texto que Jorge Silva Melo escreveu sobre ela. A Festa também foi do Jorge.

Rodrigo Francisco

O desembarque em Ilíria

O espectáculo que amanhã estreia no Teatro Municipal Joaquim Benite começou a ser gizado noutra era. Os primeiros ensaios, em Março de 2020, duraram apenas duas semanas por causa do confinamento geral associado ao Covid-19. Não se imaginava uma guerra na Ucrânia. Só a crise climática já lá estava, sempre latente.

Por isso, quando os ensaios de *Noite de Reis* recomeçaram há dois meses, o encenador Peter Kleinert resolveu sujar a cena: “Não podia fazer a peça como se nada se tivesse passado à nossa volta nestes últimos tempos. Embora os personagens julguem que estão no melhor dos mundos, uma ilha paradisíaca rodeada de um mar bonito e calmo, os espectadores vão ver Ilíria atafalhada de plástico e rodeada muitas vezes por um mar agitado”. Há um brilho nos olhos do encenador alemão por ter chegado a bom porto com esta comédia caótica, utópica, à moda antiga, e por isso mesmo intemporal, como tudo o que o bardo escreveu: “É talvez a minha peça preferida de Shakespeare. A questão da identidade de género está hoje na primeira da linha dos temas que discutimos e esta peça quase não fala de outra coisa. Aqui as personagens andam à procura



Noite de Reis: uma comédia utópica e caótica

de si próprias, travestidas, cheias de dúvidas, e nunca chegam a uma conclusão sobre quem são. E no final estão prontas a recomeçar tudo de novo, exactamente com as mesmas dúvidas. Interessou-me também o confronto das duas linhas da peça. A mais hedonista e a que representa a manutenção da lei e da ordem. Isto sem que nunca percamos de vista a história de amor, destacada também por alguns vídeos, mais intimistas”.

Diz o conde Orsino no início da peça: “Se a música é o alimento do amor, continuai a tocar”. Há poucas peças de Shakespeare em que

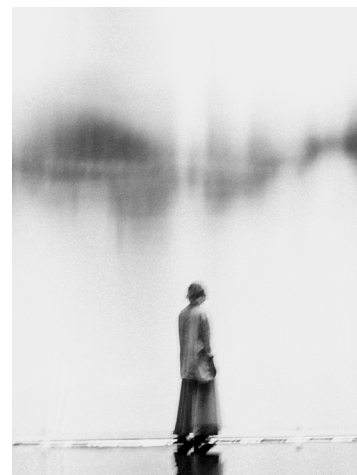
a música tenha tanta importância como nesta. Como elo de ligação entre cenas e ambientes, a música torna-se a alma do espectáculo. Explica Kleinert: “Levantámos a peça, improvisando muito. E tive a sorte de dispor de um músico extraordinário, o argentino Ariel Rodríguez, um homem de sete instrumentos capaz de criar incontáveis atmosferas sonoras. Senti nele o mesmo espírito dos actores, de construir esta comédia romântica sem ideias pré-concebidas. Que foi escrita há mais de quatrocentos anos, mas parece ter sido acabada ontem”.

Fotos do mundo de João Tuna

João Tuna inaugura amanhã às 19h, na Galeria do TMJB a exposição fotográfica *Alter Orbis*. São duas dezenas de fotografias cujo fio condutor é uma ideia gráfica que organiza a matéria-prima que é o actor em cima de um palco. São “fotografias feitas a partir da cena”, explica João Tuna. “A ideia foi dar visibilidade a uma parte do meu trabalho menos visível. Enquanto as fotos de cena, mais formais, são matéria visível, em jornais, revistas, cartazes, es-

tas permanecem um mundo à parte”. Estão expostos trabalhos dos últimos dez anos. Em 2012 o Teatro Nacional São João abandona o formato jornal dos seus programas, reduzindo-o para a dimensão de um livro. As fotografias acompanharam esta revolução naquele objecto palpável que o público gosta de levar para casa, para mais tarde ler, olhar e recordar.

“Os actores são trabalhadores dos sentimentos e do afecto, e este é o meu olhar sobre eles”, conclui.



A exposição mantém-se até 25 de Setembro

A doçura da arte

Julho é o doce mês em que atravessamos o rio — este imenso e plácido, gordo rio Tejo que nunca vemos, os que andamos em Lisboa — e lá vamos para Almada. Julho é sempre o mês daqueles fins de tarde frescos na esplanada da Escola D. António da Costa, o mais civilizado local de Portugal, onde nada é supérfluo e tudo é simples, da comida ligeira às largas mesas onde nos sentamos, cansados uns dias, expectantes outros, conhecendo gente, cansados

das montagens sempre intensas no grande palco montado na Escola, noite dentro e os projectores a serem afinados mesmo antes da récita, já quando os espectadores — habituados, pacientes, cultos — se arrumam em interminável fila calma e serena, e o vento começa a subir Tejo acima.

É sempre essa a minha ilusão do mês de Julho, ao encontrar tanta gente, artistas, técnicos, espectadores que aos poucos vão metendo conversa. Que bom é ouvir a voz de

quem nos vê e assim entende, tão sozinhos que andamos o resto do ano, entre pontapés e bolandas. É sempre assim, cansado mas revigorado, que vou e venho ao Festival e aos seus múltiplos espaços. E posso ter visto grandes espectáculos, espectáculos fundamentais, durante estes anos todos do Festival. Ri e chorei e também me fartei.

Que longe estamos das longas fanfarras da 'festivalite' que pelo mundo anda, que longe andamos do mundanismo 'Caras-Classe-Vip' que o teatro mata, que longe estamos do abominável consumo, que lindos são os espectadores de Almada, jovens e velhos, serenos,

atentos, velhos companheiros de luta com certeza, jovens que descobrem a noite breve do teatro.

Porque nada existe assim, tão simples, tão bem organizado, nada existe assim, sem competitividade, solidário, atento, tão longe do mercado e desta gentinha que consome espectáculos como quem põe brincos de pechisbeque, e quantos mais melhor.

Ai, quem não conhece a esplanada da Escola D. António da Costa durante o mês de Julho não saberá nunca o que é a doçura da arte.

Jorge Silva Melo (1948-2022),
Julho de 2003

MEU FESTIVAL

O Pinóquio de Pommerat

Quando acreditava no Pai Natal, ansiava pelo 25 de Dezembro. Mais tarde desejei que chegasse a data de perfazer 18 anos, para tirar a carta e poder ver filmes para maiores de idade.

Veio o 25 de Abril e com ele os festejos alusivos à ocasião. Muitas outras efemérides políticas ou culturais se atravessaram na minha vida, até que em 2016 assisti ao meu 1.º Festival de Almada.

4 a 18 de Julho passaram a ser os dias mais expectantes dos anos subsequentes. Tudo o que se rela-

cione com o Festival me apraz, e assim aceitei o (difícil) desafio de escolher o melhor espectáculo de todos os anteriores Festivais.

Pinóquio, com encenação e dramaturgia de Joël Pommerat, teve em mim o impacto merecedor dessa nomeação, por se apoiar num jogo de luzes e de som, que pensava só ser possível em cinema. Chamei-lhe o Spielberg ou o George Lucas do teatro, desconhecendo que na altura Pommerat já era conhecido como o "Mágico do Palco".

Orlando Costa, técnico projectista, 65 anos



© Elizabeth Carrechio

Pinóquio foi apresentado no CCB

A escola que renasceu em Portugal

A série de concertos na esplanada da Escola D. António da Costa começa com uma actuação muito especial de uma série de jovens músicos do Instituto Nacional de Música do Afeganistão (INMA)

Os membros desta escola, mais de duas centenas de pessoas entre músicos, administradores, funcionários e professores, chegaram a Portugal em Dezembro com o estatuto de refugiados, fugidos do regime talibã. Desde aí a escola, com o apoio pedagógico do Conservatório Nacional e de vários músicos e professores portu-

gues, renasceu. A vida deste jovens mudou.

Bilal Asify, director musical, faz um balanço muito positivo destes primeiros seis meses: "O INMA foi muito acarinhado. Em todas as actuações, sentimos um espírito de solidariedade e de interesse pelo nosso trabalho e situação. Representamos o melhor lado da sociedade afegã. Sem discriminações sexistas, com uma política de integração, abertos ao Mundo".

O INMA é formado por vários agrupamentos de escala diversa. No Festival actuarão dois *ensembles*, que escolheram um repertório

clássico e popular afegão.

No *Nahid ensemble*, sete músicos tocarão instrumentos tradicionais, interpretando cinco canções tradicionais.

No *Rubab*, seis músicos, tocadores de cítara e percussão, executarão quatro canções.

Temos várias missões, explica Bilal Asify: "Por um lado, há que garantir a estes jovens a continuação de uma formação musical sólida, incluindo no campo da música dita clássica. Por outro, somos embaixadores de uma cultura rica e diversa, bem expressa na música que tocamos em público".

AGENDA DE AMANHÃ

19:00 | Inauguração de Exposição

Alter Orbis

Teatro Municipal Joaquim Benite

20:00 | Música

Chalo Correia

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

Noite de Reis

Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro

Se eu fosse Nina

Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Arroz de pato

Moqueca de bacalhau

AMANHÃ

Rolo de carne c/ tâmaras e bacon

Pescada estufada c/ ameijoas

APLICAÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

